

**DE FEBRE DO RATO A BOLSONARO: CORPOS DESNUDOS
VERSUS O AUTORITARISMO FARDADO**Felipe Alexandre Moura Cosmo¹

Resumo: Com base na premissa do teórico alemão Siegfried Kracauer, na obra *From Caligari to Hitler* (1947), de que os filmes são capazes de refletir a mentalidade de uma nação e seus mecanismos mais ocultos, este artigo busca propor a hipótese de que o terceiro longa-metragem do diretor pernambucano Cláudio Assis, *Febre do Rato* (2011), a partir de sua temática visual e sua construção narrativa, antecipou as jornadas de junho de 2013, a reação violenta às manifestações por parte da polícia e o surgimento do bolsonarismo como força política a partir da confluência de fatores sociais, políticos e econômicos. Além disso, busca fazer uma leitura do filme a partir da representação dos corpos despidos como resistência ao crescente autoritarismo das instituições e ao conservadorismo da sociedade. Além da pesquisa bibliográfica, este trabalho utiliza como metodologia a análise do filme segundo Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété (2011). Ao longo de nossa pesquisa constatamos que *Febre do Rato*, ao exibir elementos que iriam marcar os anos posteriores à sua estreia, como as manifestações de cunho apartidário, a crescente militarização dos espaços urbanos e a violência policial, deixou entrever o surgimento do sentimento antipolítico no bojo da sociedade e a ascensão da extrema-direita nas eleições de 2018.

Palavras-chave: Febre do Rato; Cinema; Kracauer; Bolsonarismo.

**FROM RAT FEVER TO BOLSONARO: NAKED BODIES
VERSUS THE UNIFORMED AUTHORITARIANISM**

Abstract: Based on the premise of the German theorist Siegfried Kracauer, in the work *From Caligari to Hitler* (1947), that films are capable of reflecting the mentality of a nation and its most hidden mechanisms, this article seeks to propose the hypothesis that the third feature film by the Pernambuco director Cláudio Assis, *Febre do Rato* (2011), due to its visual theme and narrative construction, anticipated the June 2013 uprising, the violent police reaction to the demonstrations and the rise of bolsonarism as a political force from the confluence of social, political and economic factors. In addition, it seeks to read the film based on the representation of naked bodies as an expression of resistance to the growing authoritarianism of institutions and to the conservatism of society. In addition to the bibliographic research, this work uses as methodology the analysis of the film according to Francis Vanoye and Anne Goliot-Lété (2011). Throughout our research, we found that, by exhibiting elements that would mark the years after its debut, such as the non-partisan manifestations, the increasing militarization of urban spaces and police violence, *Febre do Rato* showed the emergence of anti-political sentiment within society in Brazil and the rise of the far right in the 2018 elections.

Keywords: Febre do Rato; Cinema; Kracauer; Bolsonarism.

1 Graduado em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Está cursando Letras – Língua Portuguesa pela UFPA. Participa do projeto de pesquisa “Leituras do Romance Chão Dos Lobos, de Dalcídio Jurandir” do grupo Fontes Literárias no qual foi bolsista PRODOUTOR/UFPA no período 2019-2020. E-mail: felipe.cosmo23@gmail.com

INTRODUÇÃO

Partindo da premissa do teórico alemão **Siegfried Kracauer** de que os filmes são capazes de refletir a mentalidade de uma nação e seus mecanismos mais ocultos, este artigo busca propor a hipótese de que o terceiro filme de Cláudio Assis, *Febre do Rato*, antecipou as jornadas de junho de 2013, a reação violenta às manifestações por parte da polícia e o surgimento do bolsonarismo como força política a partir da confluência de fatores sociais, políticos e econômicos.

Kracauer em seu livro *From Caligari to Hitler* (1947) apresenta a tese de que o Cinema Expressionista alemão, com suas temáticas de horror e grotesco, antecipou a ascensão do nazismo. E não somente o Expressionismo poderia ser capaz de antecipar certos eventos e tendências sociais, mas todos os filmes de qualquer época e lugar. Pois o Cinema é uma arte coletiva e por isso representa a mentalidade de uma nação.

Os filmes de uma nação refletem a mentalidade desta de uma maneira mais direta do que qualquer outro meio artístico (...). Primeiro, os filmes nunca são produtos de um indivíduo (...) segundo porque os filmes são destinados às multidões anônimas. (...) Ao gravar o mundo visível – não importa se a realidade vigente com um universo imaginário – os filmes proporcionam a chave de processos mentais ocultos. (KRACAUER, 1988, apud CÂNEPA, 2006, p. 79).

Neste sentido, tomamos a liberdade de criar um diálogo com a obra de Kracauer não só através da alusão ao título de sua obra, mas também no estudo da relação entre cinema e o contexto sócio-histórico de determinada sociedade. Delimitamos, no entanto, nosso recorte analítico ao terceiro filme de Cláudio Assis, pois ao nosso ver, é inegável a atualidade da temática apresentada pelo filme *Febre do Rato* tanto no cenário político quanto no cenário cultural do Brasil.

Na segunda década do século XXI, o país vivenciou o crescimento de manifestações e mobilizações em todas as dimensões do espectro político: seja de direita ou de esquerda. Muitas delas traziam objetivos diferentes e às vezes conflitantes.

Através da pesquisa bibliográfica e da análise do filme, este artigo visa traçar uma leitura de *Febre do Rato* e verificar de que forma esta obra, através dos conflitos dos personagens, de certos elementos visuais e narrativos, antecipa questões pertinentes do cenário brasileiro e de tal forma configura em seu enredo a luta dos corpos contra a máquina do autoritarismo.

No que tange aos procedimentos metodológicos relacionados à análise do filme, partimos tanto da análise e interpretação **sócio-histórica** como da interpretação **simbólica** segundo as definições de Vanoye e Goliot-Lété (2011). Na primeira, a análise sócio-histórica, analisaremos o filme *Febre do Rato* a partir dos elementos que de uma forma ou de outra dialogam com a sociedade real e com o cenário político brasileiro de nossa história recente.

[*Todo filme*] oferece um conjunto de representações que remetem direta ou indiretamente à sociedade real em que se inscreve. A hipótese diretriz de uma interpretação sócio-histórica é a de que um filme sempre “fala” do presente (ou sempre “diz” algo do presente, do aqui e do agora de seu contexto de produção). (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2011, p. 51).

Quanto à análise e interpretação simbólica do filme *Febre do Rato*, será utilizada para leitura de seus elementos metafóricos e conotativos que se apresentam ao longo do texto cinematográfico, em especial no que se refere à representação dos corpos enquanto manifestação político-poética. Para Vanoye e Goliot-Lété, a leitura simbólica consistiria na “interpretação que não se detivesse no sentido literal [...] mas situa de imediato o que é dito e mostrado em relação com um ‘outro’ sentido” (2011, p. 56).

POETA ZIZO E A REORGANIZAÇÃO DOS VÍCIOS

Febre do Rato foi lançado em 2011, dirigido por Cláudio Assis, com roteiro de Hilton Lacerda e fotografia de Walter Carvalho. Conta a história de Zizo, poeta anarquista, que escreve e publica manualmente o jornal *Febre do rato* e faz leituras de poesia na periferia de Recife.

O filme transita num espaço urbano caótico em que a pobreza e os condomínios de luxo se entrecruzam e se sobrepõem. É comum as cenas em que a câmera navega pelo mar urbano de concreto e em *off* ouvimos Zizo declamar seus versos. A história transita

entre Zizo e seus companheiros: Pazinho, que trabalha como coveiro e é o interlocutor mais próximo do poeta; Eneida, a musa de Zizo; Boca, um malandro boêmio que gosta de perambular com seus amigos usufruindo de drogas, álcool e sexo.

Zizo é um personagem extremo, que pulsa rebeldia. Em sua oficina onde confecciona seus cartazes e seu jornal, há um pôster de Mikhail Bakunin, filósofo e revolucionário russo, figura central do Anarquismo. Em uma das cenas iniciais, Zizo declama suas ideias diante do povo que o contempla com certo estranhamento e admiração:

Podem calar as bocas oficiais, mas nunca a poesia. E minha boca é pura poesia, safada, mas poesia; entremeada, mas poesia; arrotada, e mesmo assim poesia. O jornal Febre do Rato continua a servir de veículo contra os interesses das classes, seja ela de que instância for, de rico contra pobre, de pobre contra pobre, de classe média contra pobre, de classe média contra classe média. (5:00-5:46).

Ele é o profeta do caos. Um “Antônio Conselheiro” moderno da poesia libertária. Ele possui algumas habilidades manuais e parece se colocar à margem das tecnologias mais recentes. Além de seu jornal e de seus cartazes, Zizo confecciona bonecos para serem usados na malhação de judas e picha desenhos e palavras de ordem nos muros da cidade.

Zizo, inicialmente, não nutre amores românticos. Ele costuma fazer sexo com as velhas do bairro dentro de uma caixa d’água que fica no quintal de sua casa. E declama versos para o casal Pazinho e Vanessa, esta última uma mulher transexual. Tudo muda quando ele conhece Eneida, jovem colegial que seduz o coração do poeta, mas não se deixa fisgar por suas investidas.

É possível afirmar, portanto, que o filme apresenta duas camadas principais: uma camada lírica centrada nos relacionamentos amorosos e interpessoais e outra trágica, com viés mais político e social. Para Andrade (2012) o aspecto romântico do filme é o que de certa forma enfraquece o enredo, que segundo ele “padece em algum momento de excessiva ingenuidade”. Não concordamos inteiramente com essa afirmação, haja vista que é sobretudo através dessa dimensão lírica que o filme constrói intertextos com a literatura, a música e o próprio cinema. Apesar de tudo, devido aos nossos objetivos aqui propostos nos centraremos apenas na camada política.

FEBRE DO RATO E AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO

O filme foi lançado oficialmente em 2011 no festival de Paulínia, a outrora “Cannes brasileira” e que hoje agoniza devido à falta de recursos e à crise política². Mas só começou a circular no circuito comercial em 2012. No ano seguinte, em 2013, iniciaria pelo país a fora um movimento que ficou conhecido como “jornadas de junho” ou “manifestações de junho”, uma série de protestos que começou em São Paulo contra o aumento da tarifa do transporte público.

Posteriormente, o movimento desdobrou-se em várias frentes, em diferentes estados, e seus manifestantes protestavam contra uma miríade de coisas: desde a corrupção, passando pela falta de democracia até, quando os protestos já tinham sido apropriados por setores da direita, o governo Dilma e o PT.

Mas o que o filme *Febre do Rato* tem a ver com as manifestações iniciadas em junho de 2013? Aparentemente não há nenhuma conexão direta. Mas da mesma forma que Kracauer associou a temática do cinema expressionista como um sintoma social latente do que viria a se tornar o nazismo na Alemanha, é possível identificar em *Febre do Rato* traços temáticos que podem ser relacionados às manifestações de 2013.

Em um determinado momento Zizo, conversando com Pazinho, afirma:

As pessoas, Pazinho, ficam falando em futuro, em mudança, mas não estão nem aí para as coisas que realmente estão mudando. Perderam a capacidade de espernear para as coisas mudarem, desaprenderam. A imbecilidade venceu a parada, quem ganha tem a verdade e o que ficou é isso aí que a gente pode ver, não tem nada, não tem espírito coletivo não tem porra nenhuma. Olha lá, o festival do eu acanhado, a caravana dos milagres sem realização, a lógica do umbigo miúdo [Zizo apontando o dedo e olhando diretamente para a câmera, artifício antigo usado pelo cinema para indicar que o personagem fala com a plateia], a trepada sem prazer, o futebol sem bola, a porra da boca sem a porra da língua. (15:57-16:45).

Antes de 2013, fazia um bom tempo que não se via no Brasil um movimento de protestos tão grande e tão variado. Os brasileiros tradicionalmente eram vistos como menos politizados em comparação aos seus irmãos latino-americanos. Daí a fala de Zizo sobre a

² Ver PICHONELLI, M. Crise política faz “Cannes brasileira” agonizar no interior paulista. **TAB**, 2019. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/10/30/como-uma-crise-politica-interminavel-levou-ao-fim-da-cannes-brasileira.htm>.

perda da “capacidade de espernear”. Ele quer mudar tudo isso, sua poesia marginal exala não apenas sexo, mas revolta e mudança. “Ofereço o fogo para o incêndio daqueles que nos contrariam” (23:50 – 24:00).

Na última sequência do filme, Zizo organiza com sua trupe uma passeata em pleno desfile militar de 7 de setembro para segundo ele: “Propor e fixar a reorganização dos vícios que só fazem bem ao desenvolvimento do espírito humano”. “Invadir o templo conservador” e “dar uma bicuda no ovo direito da ordem”.

No caminho, ele vai bradando palavras de ordem com um megafone na mão: “Anarquia e sexo”, “liberdade e o direito ao erro”, “não às grades que limitam”, “precisamos de amor e não de armas”. Sobreposta aos planos de Zizo, surge a imagem dos coturnos militares marchando em meio ao desfile da independência. E em seguida, planos dos soldados portando fuzis e vários tanques enfileirados.

Em um dado momento, com o poeta em cima do carro e seus companheiros em volta, eles começam a despojar-se de suas roupas, ficando completamente nus. A polícia então chega com cassetetes, fustigando a turba, e coloca Zizo no camburão da viatura. Na cena posterior, já noite, os policiais jogam o vate desacordado nas águas do rio Capibaribe. Após o desaparecimento de Zizo (seu corpo nunca foi encontrado) seus amigos ficam como que atônitos, desnorteados, sem rumo. O gigante voltara a adormecer.

É de se pensar como tal cena, a dos policiais açoitando Zizo e seus companheiros desnudos, reflete simetricamente as imagens reais da violência policial direcionada aos manifestantes daquele fatídico ano de 2013. Violência esta aprimorada ao longo dos anos seguintes³. Esta sequência do filme faz aludir também à afirmação de Herbert Marcuse acerca do conflito entre “o corpo e a máquina”:

(...) a máquina política, a máquina dos grandes negócios, a máquina educacional que fundiu benesses e maldições num todo racional. **O homem contra a máquina:** homens, mulheres e crianças lutando, com os mais primitivos instrumentos, contra a máquina mais brutal e destruidora de todos os tempos. (MARCUSE, 1975, p. 17, grifo nosso).

3 Ver MARQUES, C.; RIELLI, M. A violência policial de junho 2013, agora aprimorada. *EI PAÍS*, 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/21/opinion/1466530548_709223.html.

Fato curioso: durante as filmagens, o ator Irandhir Santos, que interpreta Zizo, foi realmente abordado pela polícia e quase vai preso por atentado ao pudor⁴. Tal evento demonstra peremptoriamente o quanto o filme, neste sentido, espelha um certo aspecto da realidade social brasileira. Duarte e Brunetto (2017) chegam a comparar esta sequência de *Febre do Rato* à performance do coletivo feminista *Marcha das vadias* (p. 65). Ou seja, a utilização do corpo nu como arma política e a ocupação dos espaços públicos de maneira simbólica.

Em sintonia com o bando anárquico de Zizo, também aquele coletivo contemporâneo faz do escândalo do corpo nu uma arma e um campo de experiências em vista de uma outra relação entre vida e política, definida como uma política do corpo ou como uma política do corpo-a-corpo em luta pela ocupação simbólica do espaço público, pela ressignificação da linguagem discriminatória [...]. Tanto a *Marcha das vadias* como o bloco anarquista de Zizo constituem coletivos independentes e de formação horizontal, desprovidos de líderes ou de representantes autorizados. Não pautam suas ações pela observância de quaisquer parâmetros de normalização ou hierarquização de seus participantes, bem como tampouco se orientam por discursos estritamente jurídicos, filosóficos ou políticos de caráter programático, universalista ou essencialista. (DUARTE; BRUNETTO, 2017, p. 65).

É interessante como a descrição que Duarte e Brunetto (2017) fazem tanto do bando de Zizo quanto do coletivo *Marcha das Vadias* pode se encaixar também nas manifestações de junho de 2013. Essa “política do corpo-a-corpo em luta pela ocupação simbólica do espaço público”, a independência e a “formação horizontal, desprovidos de líderes ou de representantes autorizados” lembram muito a constituição do Movimento Passe Livre (MPL), que foi um dos principais articuladores de junho de 2013.

As “passeatas de junho” foram um movimento eminentemente heterogêneo e apartidário, composto por jovens universitários de classe média. E justamente por essa postura aberta e essa fluidez tão característica, o movimento acabou sendo apropriado por diversas correntes ideológicas.

Socialmente heterogêneos, os acontecimentos de junho foram também tão multifacetados no plano das propostas que não espanta haja todo tipo de imputação ao seu sentido ideológico: desde o eco-socialismo até impulsos fascistas, passando por diversas gradações de reformismo e liberalismo. Acabaram por ser uma espécie de “Jornadas de Juno”, cada um vindo nas nuvens levantadas nas ruas a forma de uma deusa diferente. (SINGER, 2013, p.11).

4 Ver ASSIS, Cláudio. O anarcocineasta. [Entrevista concedida a Eduardo Simões]. *Revista Cult*, 2011. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-anarco-cineasta/>.



Nos anos posteriores a 2013, houve uma apropriação da direita em torno das manifestações que acabaram por se metamorfosear em protestos especificamente antigoverno. Tal acontecimento abriu espaço para as pretensões de um certo setor da sociedade insatisfeito com governo petista.

A onda de Bolsonaro e de seus associados que saiu vencedora das urnas encontra em sua origem as distantes manifestações de junho de 2013, quando, inicialmente, a população foi às ruas para protestar contra o aumento das passagens de ônibus. Naqueles dias, pouco depois de o Movimento Passe Livre (MPL) entender que a reivindicação primária havia sido tomada, começou a ser pavimentado o caminho que hoje resultou em Jair Bolsonaro. [...] Junho de 2013 iniciou a transformação. A ojeriza dos brasileiros pela política, pelos políticos e pelos partidos ficou expressa com clareza objetiva. Havia a expectativa de que as manifestações resultassem em mudanças no jogo logo nas eleições do ano seguinte. Houve um represamento desta latência, mas ela começaria a transformar a política tradicional durante o mandato da ex-presidente Dilma Rousseff. (De junho de 2013 a Bolsonaro. **O tempo**, 2018).

GOVERNO BOLSONARO E A MILITARIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

O que veio depois que as manifestações de junho se transformaram em protestos antigoverno? Como todos sabem, veio o impeachment da presidente eleita Dilma Rousseff em 2016, a condenação do ex-presidente Lula em decorrência da operação Lava-Jato e a eleição de Bolsonaro em 2018. Este, um ex-capitão do exército que após ser eleito construiu um governo essencialmente militar, com vários militares da ativa e da reserva assumindo altos cargos nos ministérios.

Não é possível analisar Bolsonaro sem lembrar do pecado original: este é um governo essencialmente militar. Nenhum partido tem tantos ministérios, estatais, agências reguladoras e secretarias quanto o Partido Militar, que existe na prática mesmo que não tenha registro eleitoral. Se é fato que Bolsonaro se provou um candidato viável para o eleitorado, também é fato que seu governo é uma construção de militares. (MARTINS; DEMORI, 2021).

Hoje, já não restam dúvidas de que a candidatura de Bolsonaro à presidência da República foi um projeto construído por generais. Segundo afirma o antropólogo Piero Leirner em entrevista ao portal de notícias DW (2021), esse movimento político feito pelos militares começou em 2007 como reação à homologação da Terra Indígena Raposa Serra

do Sol e intensificou-se em 2010 com o projeto de lei que criaria a Comissão Nacional da Verdade⁵ (CNV), que durou entre 2011 e 2014 e tinha como principal finalidade apurar as violações de Direitos Humanos ocorridas no regime militar de 1964:

Toda a narrativa de generais que se aproximaram de Bolsonaro é a de que ele foi um acidente que aconteceu em 2018. Mas isso é uma “operação de dissimulação”, para usar a linguagem deles. Quando Bolsonaro ia fazer campanha nas Academias Militares entre 2014 e 2018, falando diretamente aos cadetes, isso era de conhecimento da cadeia de comando. [...] o projeto Bolsonaro presidente foi uma construção de generais da ativa e reserva que se efetivou a partir de 2014 e teve o aval de todos que passaram pelo Alto Comando desde então. Não é que antes eles não tivessem projeto de poder, pelo contrário. Apenas não tinham batido o martelo que ia ser assim. Fazer campanha dentro de uma Academia Militar, além de ilegal, só pode ser obra de um consenso. (LEIRNER, 2021).

Diante deste contexto, é muito sintomático, e podemos dizer simbólico, que Zizo tenha escolhido o desfile militar de 7 de setembro para realizar sua intervenção poética-política-social. E mais curioso ainda é que ele tenha sido “morto” pelas forças policiais. Podemos ver aqui claramente a oposição entre anseio libertário e militarismo autoritário. Oposição esta que vai se acentuar ainda mais após as eleições de 2018.

De fato, *Febre do Rato* insere-se em um contexto cultural e político que começava a se polarizar. Desde a década anterior a 2013, produziu-se no Brasil filmes com forte carga política que tinham o objetivo de refletir sobre os tempos da ditadura (grande parte destes filmes eram documentários, mas também havia gêneros de ficção). Tais filmes vieram muito atrelados à Comissão Nacional pela Verdade.

Podemos citar, por exemplo, os documentários: *Hércules 56* (dir.: Silvio Da-Rin, 2006), *Condor* (dir.: Roberto Mader, 2007), *Cidadão Boilesen* (dir.: Chaim Litewski, 2009), *Diário de uma Busca* (dir.: Flávia Castro, 2010), *Uma Longa Viagem* (dir.: Lúcia Murat, 2011). Na ficção temos *Batismo de Sangue* (dir.: Helvecio Ratton, 2006).

Em 2012 foi lançado o documentário *Marighella* (dir.: Isa Grinspum Ferraz, 2012) que apresentava a faixa *Mil Faces de um Homem Leal* do grupo de rap Racionais MC's.

Todos estes filmes, enquanto produtos culturais de seu tempo, deixaram entrever a crescente militarização dos espaços públicos e dos mecanismos de poder ao longo de 2013 a 2018. Isto justamente enquanto tentavam denunciar os excessos cometidos pelo regime militar no passado.

⁵ Ver o site oficial da Comissão Nacional pela Verdade: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo uma alusão com o título da obra do teórico alemão Siegfried Kracauer, *From Caligari to Hitler*, observamos de que forma o filme *Febre do Rato*, ao exibir elementos que iriam marcar os anos seguintes ao seu lançamento, como as manifestações de cunho apartidário, a crescente militarização dos espaços urbanos e a violência policial, deixou entrever o surgimento do sentimento antipolítico no bojo da sociedade e a ascensão da extrema-direita nas eleições de 2018.

É neste sentido que defendemos a premissa de que certos temas visuais e narrativos contidos no filme *Febre do Rato* refletiram, de forma não intencional, a mentalidade do país e os acontecimentos que viriam a se desenvolver ao longo dos anos seguintes.

Também examinamos a forma como a nudez e os corpos são representados no filme a partir de uma ótica de resistência e enfrentamento aos padrões normativos impostos pela sociedade e como o corpo nu é caracterizado como símbolo máximo dentro da antítese entre a liberdade, a anarquia, a poesia e as artes de um lado e o fardamento, o autoritarismo, o conservadorismo e a repressão de outro. É nesta antítese que o filme espelha certas características tanto das manifestações de julho quanto de coletivos feministas como o Marcha das Vadias, de acordo com Duarte e Brunetto (2017).

Além disso, observou-se que a temática presente em muitos documentários sobre o período da ditadura militar no Brasil produzidos no início da década do século XXI iriam refletir anos depois, a partir de 2019, na situação política atual em que militares voltam a ocupar altos postos no poder executivo com consequências ainda por serem devidamente analisadas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Renan de. “Febre do Rato” é a prova de que Cláudio Assis ainda sabe provocar... *Ambrosia*, 2012. Disponível em: <https://ambrosia.com.br/filmes/febre-do-rato-e-a-prova-de-que-claudio-assis-ainda-sabe-provocar/>. Acesso em: 01 de abr. de 2021.

ASSIS, Cláudio. O anarcocineasta. [Entrevista concedida a Eduardo Simões]. *Revista Cult*, 2011. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-anarco-cineasta/>. Acesso em: 01 de abr. de 2021.

CÁNEPA, Laura Loguercio. Expressionismo alemão. In: MASCARELLO, Fernando (org.). *História do cinema mundial*. Campinas, SP: Papius, 2006.

De junho de 2013 a Bolsonaro. **O tempo**, 09 de out. de 2018. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/blogs/carta-cronica/de-junho-de-2013-a-bolsonaro-1.2161003>. Acesso em: 02 de abr. de 2021.

DUARTE, A; BRUNETTO, D. “Febre do rato como deseducação de corpos e discursos: uma interpretação foucaultiana”. In: **Viso: Cadernos de estética aplicada**, v. XI, n. 20 (jan-jun/2017), pp. 50-68.

FEBRE DO RATO. Direção de Cláudio Assis. Brasil, 2011. 1 filme (110 min.): son.; color.; suporte DVD.

KRACAUER, Siegfried. **From Caligari to Hitler: A psychological history of the German film**. United States: Princeton University Press, 1966.

LEIRNER, Piero. Projeto Bolsonaro presidente foi construção de generais. [Entrevista concedida a João Pedro Soares]. **DW**, 18 de fev. de 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/projeto-bolsonaro-presidente-foi-constru%C3%A7%C3%A3o-de-generais/a-56614896>. Acesso em: 02 de abr. de 2021.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MARQUES, Camila; RIELLI, Mariana. A violência policial de junho 2013, agora aprimorada. **EI PAÍS**, 21 de jun. de 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/21/opinion/1466530548_709223.html. Acesso em: 01 de abr. de 2021.

MARTINS, Rafael Moro; DEMORI, Leandro. Imprensa dá voz à farsa de que generais se descolaram de Bolsonaro, mas militares seguem afundados no governo. **The Intercept**, 30 de mar. de 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/03/30/imprensa-farsa-militares-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 01 de abr. de 2021.

PICHONELLI, Matheus. Crise política faz “Cannes brasileira” agonizar no interior paulista. **TAB**, 30 de ago. de 2019. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/10/30/como-uma-cri-se-politica-interminavel-levou-ao-fim-da-cannes-brasileira.htm>. Acesso em: 21 de abr. de 2021.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013. In: **Novos Estudos**. nov./2013, p. 23-40. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n97/03.pdf>. Acesso em: 21 de abr. de 2021.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre análise fílmica**. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

Recebido em: 18/05/2021

Aceito em: 06/09/2021